Muito além da ILP

Fazenda do norte goiano amplia conceito de integração para triplicar sua rentabilidade e ganhar eficiência em todos os níveis

JOSÉ MARIA MATOS

Lote de fêmeas em piquete de mombaça, ao lado de lavoura de sorgo parcialmente colhida para silagem na fazenda TopGen Amaralina, GO

RENATO VILLELA
de Amaralina, GO.
renato.villela@revistadbo.com.br

RENATO VILLELA

Da esquerda para a direita, o proprietário Rodrigo Segantini, o gerente Augusto Elias e o agrômomo Maurício Bueno. Parceiros em busca de produtividade.

O conceito de integração já não se restringe à tradicional dobradinha pecuária-agricultura. Vai muito além, envolvendo todos os setores produtivos da fazenda, com emprego de tecnologias complementares e multiplicadoras de resultados. A Agropecuária TopGen, empresa com 3.700 ha em Amaralina, no norte goiano, é partidária incondicional desse conceito. Com plantel de 2.000 matrizes Nelore, ela faz ciclo completo e extrai cada vez mais recursos estratégicos da agricultura, integrando (no sentido amplo da palavra) todas as suas atividades, na busca contínua por eficiência. A lavoura de soja, por exemplo, principal cultura agrícola explorada na fazenda, permite recuperar pastos degradados e fornece adubo residual para as pastagens temporárias de inverno. O sorgo de safrinha garante silagem tanto para engordar os animais de terminação quanto para "sequestrar" (tratar a cocho) os bezerros recém-desmamados na seca, estratégia que dá fôlego extra aos pastos rotacionados, por aliviar a lotação na entressafra. Além disso, garante palhada para a vacada parida na seca, com reflexos positivos sobre o ganho de peso dos bezerros.

A suplementação proteica, o confinamento e a seleção genética completam esse "mosaico tecnológico", acelerando o giro dos animais e a taxa de desfrute. Referência na seleção de Nelore e na venda de tourinhos com Certificado Especial de Identificação e Produção (CEIP), a TopGen é um dos expoentes do Programa Qualitas Melhoramento Genético e tem conseguido tirar máximo proveito do potencial produtivo de seus animais por causa da integração. Por encaixar várias peças (tecnologias) que interagem e se complementam dentro do sistema de produção, a empresa conseguiu triplicar sua rentabilidade, que passou de R$ 150/ha, em 2010, para R$ 470, em 2017, devendo chegar a R$ 1.000/ha até 2020. A produção subiu de 5,5 para 13@/ha/ano, com meta para 24@/ha, um resultado excelente para fazendas de ciclo completo.

Antes de reestruturar seu projeto, a Topgen tinha um rebanho de 6.000 animais; emprenhava as fêmeas aos 24 meses e abatia os machos aos três anos de idade. Hoje, seu rebanho é 33% menor (4.000 cabeças), pois 1.050 dos 2.400 ha de área útil da fazenda foram ocupados pela soja. Seus índices zootécnicos, no entanto, ficaram bem melhores. As novilhas são submetidas à IATF são (Inseminação Artificial em Tempo Fixo) aos 14 meses e os bois vão para o gancho aos 20-22 meses pesando 21@. No ano passado, apresentaram rendimento de carcaça de 57,5%. "Reduzi meu rebanho, mas tornei meu sistema de produção mais eficiente", afirma Rodrigo Segantini do Nascimento, administrador da TopGen, que já está recompondo seu plantel e pretende, em 2020, manter o mesmo número de animais que tinha antes em uma área 50% menor.

A força do cerrado

Quando comprou a propriedade em 2000, o empresário Walter Alves do Nascimento, pai de Rodrigo, viveu a mesma saga dos empreendedores pecuários do Centro-Oeste. Com o auxílio de máquinas de esteira e autorização dos órgãos competentes, abriu a área para formar as pastagens da fazenda, suprimiu a vegetação nativa, arou a terra, gradeou-a uma, duas vezes e semeou capim (braquiarão e andropogon, este último tradicionalmente cultivado no norte goiano). Apesar de todo esse esforço, viu os pastos serem rapidamente ocupados pelo chamado "broto do cerrado", uma mistura de espécies nativas, vigorosas e difíceis de combater. A partir daí, o que se desenhou foi um quadro comum na região e que, muitas vezes, empurra o produtor para um círculo deficitário e vicioso. "O primeiro pasto que meu pai plantou já no segundo ano precisava de reforma", relembra Rodrigo.

Aqui cabe um parêntesis sobre as invasoras do bioma Cerrado. Grosso modo, nas pastagens da região se

Fazenda em números

Nome: Agropecuária TopGen
Sistema de produção: Ciclo completo
Localização: Amaralina, GO
Área total: 3.700 ha
Área de pastagem: 1.000 ha
Área de ILP: 1.050 ha

FOTOS RENATO VILLELA

Área degradada repleta de invasoras... *...abre espaço para o plantio da soja, que...* *...garante pasto novo para a pecuária.*

encontram dois tipos de praga. A "mole", fácil de controlar, e a "dura", cujo combate é difícil, seja porque os herbicidas necessários são mais caros ou porque a forma de aplicação demanda mais mão de obra. É o caso da "lixeira" (*Curatella americana*), da "cagaita" (*Eugenia dysenterica*) e do "araticum-do-cerrado" (*Annona crassiflora*), por exemplo, nas quais o herbicida precisa ser aplicado diretamente no caule para surtir efeito. Ao levantar os custos dessa empreitada, Segantini descobriu que gastava, em valores atuais, até R$ 400/ha para limpar os pastos praguejados. Como o broto do cerrado insistia em sempre reaparecer, a operação, além de onerosa, se mostrava infrutífera. "Reformar estava ficando caro e o efeito durava pouco, porque a terra continuava sem fertilidade e o pasto sujava rapidamente". A insatisfação levou o produtor a tomar a primeira de uma série de decisões que mudariam de vez o patamar da fazenda nos anos seguintes: cultivar soja para reformar pastos e diversificar o negócio.

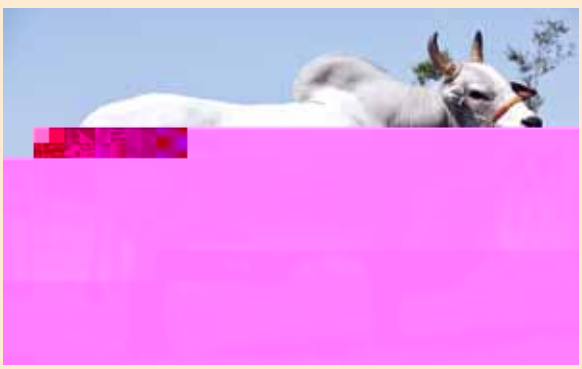
Soja como aliada

Rodrigo Segantini assumiu as rédeas da propriedade em 2007, quando seu pai, que segue como conselheiro e entusiasta da fazenda, decidiu se dedicar a outros empreendimentos da família, nos ramos industrial e imobiliário. Basta dar uma volta com ele pelas lavouras e pastagens para perceber que é mais afeito aos bois do que aos grãos. Isso não impediu, entretanto, de enxergar como a agricultura podia ajudar na busca por pastagens mais duradouras. Essa constatação surgiu de um raciocínio simples, que muitas vezes o produtor ignora. "Pensei: mesmo se eu perder R$ 500 por hectare com a soja, ainda será mais vantajoso do que gastar

Genética dá respaldo ao projeto

Membro do Qualitas desde 2.000, a TopGen é um dos destaques desse programa de melhoramento. A análise da tendência genética, índice que permite avaliar o impacto da seleção em determinada característica, revela a evolução que o rebanho alcançou ao longo dos anos. O peso à desmama dos machos aos 7 meses, que era de 191,9 kg em 2006, subiu gradativamente até chegar a 208,5 kg, em 2017. Apresentaram 15,3 kg a mais do que a média da safra de contemporâneos do Qualitas do ano passado. Vale ressaltar que esses pesos são obtidos após jejum de 12 horas no curral. Já o ganho de peso pós-desmama mais que dobrou, saltando de 61,5 para 130,14 kg neste mesmo intervalo de tempo. Os machos nascidos em 2016 apresentaram 338,7 Kg aos 450 dias, 45 kg acima da média de seus companheiros de safra do Qualitas. Esse desempenho permite que os animais sejam abatidos com até 20 meses de idade, uma das metas do programa.

A vantagem comparativa da genética TopGen pode ser sintetizada no índice Qualitas, que tem 60% de seu peso relacionado a características de produção de carne a campo (como ganho pós-desmama e musculosidade) e 40% em características de importância para a produção de matrizes (peso à desmama e perímetro escrotal). Na safra 2015, o índice Qualitas da TopGen foi de 4,64 ante 3,72 dos contemporâneos, 25% acima da



Touro Jaguar, aprovado no teste de Eficiência Alimentar.

R$ 400 por hectare para controlar o broto do cerrado, porque, nessa operação, não ganho nada, enquanto a lavoura deixa muitos nutrientes no solo". Para iniciar a lavoura, Segantini dispunha de três tratores, uma plantadeira e um pulverizador pequenos, maquinário que deu conta do recado.

O plantio começou em 2010, em 165 ha, e foi se expandindo nas safras seguintes. Somente em 2013, com o gado já "espremido" pela lavoura, é que as primeiras áreas reformadas retornaram em definitivo à pecuária. Pastagens semeadas em terras corrigidas pela agricultura tendem a ser mais longevas, se bem manejadas. "É possível explorar a forragem por até quatro anos sem aplicar grande quantidade de fósforo, utilizando apenas adubação de manutenção com nitrogênio e potássio", afirma o agrônomo Maurício Bueno, responsável pela parte agrícola da propriedade. Nessas áreas têm sido aplicados, de dois em dois anos, 60 kg de nitrogênio, 10 kg de fósforo e 60 kg de potássio por hectare, o equivalente a 300 kg/ha da fórmula 20-05-20 (NPK), ao custo de R$ 360/ha.

Segundo Adilson Aguiar, sócio-diretor da Consupec, consultoria de Uberaba, MG que acompanha a fazenda, mesmo sendo um nível de adubação baixo, para 3-4 UA/ha, é preciso ter cuidado com o manejo. Quando a carga está ajustada à oferta de forragem, por exemplo, não se deve adubar o pasto nas primeiras três ou quatro semanas da estação chuvosa, pois há bom aporte de nutrientes (principalmente nitrogênio, fósforo e enxofre), provenientes da mineralização da matéria orgânica, da decomposição da palhada ou mesmo da atmosfera, carreados pela água das chuvas após descargas elétricas. "A adubação, nessas condições, pode produzir mais capim do que os animais darão conta de comer e esse erro de manejo será difícil de resolver, exigindo roçagem", salienta o consultor.

RENATO VILLELA

Candidatos a tourinhos da TopGen, em pastos rotacionados de capim massai.

Foco no Nelore

Como a entrada da agricultura na fazenda obrigou Segantini a vender parte do plantel, que caiu de 1.600 para 900 fêmeas, o produtor aproveitou esse passo atrás para tomar outra atitude ousada e reestruturar todo o rebanho da fazenda, dando início a um rigoroso processo de seleção genética. A primeira medida foi escolher uma raça. Tinha de tudo na propriedade: além de Nelore meio-sangue Angus, Bonsmara, Montana, Senepol, Santa Gertrudis. Peculiaridades do mercado aliadas a problemas sanitários precipitaram a decisão. "Eu não conseguia agregar valor às fêmeas F1, ninguém queria, a menos que fossem Angus. Além disso, os animais tinham muitos problemas de casco, alta infestação de carrapato, moscas e eram muito exigentes em termos nutricionais. Achei melhor ficar somente com o Nelore", relata.

Adilson Aguiar, da Fazu: "Carga ajustada à oferta de forragem".

O cruzamento industrial se foi, mas deixou um importante legado, na forma de desafio. "Para alcançar os índices produtivos e reprodutivos que queria, precisava conseguir, no Nelore, o que obtinha no cruzamento: fêmeas com precocidade sexual e machos precoces na terminação". O caminho da TopGen na seleção começou a ser pavimentado, a bem da verdade, em 1998, quando, ainda em outra propriedade, o produtor adquiriu 380 matrizes Nelore da Granja Rezende, em Uberlândia, MG, criatório que se esmerava no melhoramento da raça. Ao focar apenas no Nelore, Segantini intensificou o uso de sêmen de touros melhoradores, via IATF, até chegar aonde queria.

A precocidade sexual das fêmeas talvez seja a face mais visível dessa evolução. Com o apoio de um programa de suplementação, as novilhas, chamadas de

média do programa. O avanço conquistado no campo da genética se reflete na produtividade da fazenda, que é de 13 @/ha/ano. "É mais do que o dobro da média das propriedades brasileiras que fazem ciclo completo" afirma Leonardo Souza, diretor do Qualitas.

Nos últimos anos, a TopGen passou também a fazer seleção para eficiência alimentar. "Queremos descobrir quais machos comem menos e convertem mais, ou seja, têm menor custo de produção por arroba", explica Souza. Iniciada em 2010, em parceria com a UFG – Universidade Federal de Goiás, a seleção por eficiência alimentar passou a ser feita também pela Unesp de Botucatu, em um acordo firmado em 2016. O "vestibular" para os touros é dos mais concorridos. No ano passado, dos 10.000 machos inscritos, apenas 1.800 foram certificados como reprodutores. Destes, somente 120 foram selecionados para a prova de eficiência alimentar, que elegeu 10 animais para coleta de sêmen. Seis estão contratados por centrais de inseminação. Um deles é o touro Portinari, que faz companhia a Jaguar *(foto)*, o pioneiro touro da TopGen a figurar nessa seleta lista.

RENATO VILLELA

Vacas multíparas recebem apenas sal mineral no cocho

"precocinhas", são inseminadas aos 14 meses. Nos machos, a seleção também é apertada. Apenas 20% dos melhores animais nascidos na safra das fazendas integrantes do Qualitas são certificados como touros e recebem o Ceip, com chancela do Ministério da Agricultura. A fazenda vende, em média, 100 touros por ano, pelo preço médio de R$ 7.500.

Pastos temporários

O passo seguinte era resolver o problema da escassez de pasto nos meses de seca, que é severa na região. Mais uma vez a integração lavoura-pecuária se encaixou perfeitamente no projeto. Iniciada em 2010, com foco na recuperação da fertilidade do solo por meio da soja, ela se tornou também uma alternativa para produção de pastos temporários, para uso na seca. Segantini testou várias forrageiras em sobressemeadura com a soja. O capim pé-de-galinha, semeado uma única vez, não deixou saudades, devido à baixa produção de massa forrageira. A braquiária ruziziensis, carro-chefe dos sistemas de integração, foi deixada de lado pela lentidão no estabelecimento, o que provocava atraso na entrada dos animais. O milheto, promissor nos meses de maio e junho, "derretia" em julho. Perdia o vigor e perdeu o pretígio.

Após essas tentativas malsucedidas, Segantini chegou ao mombaça, capim de alta produção capaz de oferecer pastagem de qualidade na seca. Funciona assim: a soja é plantada no início de novembro; em fevereiro, pouco antes da colheita, no ponto em que a cultura está "alourando" (estágio que marca o início da senescência das folhas, já no final do enchimento dos grãos), as sementes da forrageira são lançadas de avião. O capim fica pronto para o pastejo no final de abril, cerca de 25 dias após a colheita da soja, e é consumido pelos animais até o final de outubro, quando sofre dessecação e vira palha para o plantio direto, dando início a um novo ciclo agrícola.

A despeito de ter conquistado a preferência do produtor, o mombaça é uma forrageira difícil de manejar em sistemas de integração, exigindo atenção no manejo. Devido ao hábito de crescimento cespitoso (em touceiras) característico do gênero Panicum, dois problemas podem acometer a cultura subsequente: manchas de solo descoberto e "envelopamento" da semente de soja, quando os discos do implemento puxam parte do capim dessecado para dentro do sulco de plantio, o que faz com que a semente caia em cima da palha ao invés de ser depositada sobre o solo. Para evitar que isso aconteça, é preciso ajustar a taxa de lotação de acordo com a forragem. Por precaução, alguns produtores optam por aumentar a taxa de semeadura. Mais adensado, o mombaça forma menos touceiras.

Como é o manejo de pasto da TopeGen

	Altura (cm)	
	Alvos	
Forrageira	Entrada	Saída
Mombaça	90	45
Massai	30	15
Braquiarão	30	15
MG-5	30	15
Braquiária humidicola	25	13

Fonte: Consupec. Adaptação DBO

Sistemas complementares

As pastagens temporárias dão respaldo na seca aos 1.000 ha de pastos perenes, divididos em 25 módulos de pastejo rotacionado, compostos por três a oito piquetes, de 5 a 20 ha cada. A falta de uniformidade no dimensionamento se deve à topografia, nem sempre plana, da mesma forma que a distribuição das forrageiras respeitou a aptidão de cada espécie. Nas partes mais baixas (úmidas) foi introduzido o quicuio, que suporta alagamento. Uma mancha de solo cascalhento foi plantada com massai, adaptado a esse tipo de solo. As terras "macias" (mais férteis) foram reservadas para o braquiarão e os panicuns. Os módulos mais divididos e, consequentemente, com menor área por piquete (5 a 6 ha) são de massai e mombaça.

A decisão de fatiá-los em mais piquetes se deve ao manejo, que é mais difícil nesses capins, em função de seu crescimento vigoroso nas águas. "Com mais divisões, o gado aproveita melhor a forragem", afirma Augusto Elias Borges, gerente geral da fazenda e responsável pelo manejo do gado. Em contrapartida, os piquetes de braquiarão têm mais de 6 ha. "É um capim que, se bem manejado, 'segura' bastante forragem para a seca, por isso o utilizamos de forma estratégica, como reserva". As pastagens temporárias de ILP, ocupadas de maio a outubro, também são divididas, porém em menor número de piquetes para não onerar a operação e, sempre que possível, respeitar o tamanho dos talhões de soja, que variam de 50 a 400 ha.

As subdivisões são feitas apenas nas áreas acima de 250 ha, com a cerca elétrica fracionando-as em quatro

pastos. O tamanho médio dos piquetes nas pastagens temporárias é duas vezes maior do que o dos maiores piquetes perenes, que a fazenda maneja durante a estação chuvosa. Há uma justificativa para isso. "A partir de maio, quando começa a desmama, consigo fazer lotes maiores de bezerras. Como tenho oferta grande de forragem e bebedouros em todos os módulos, é possível trabalhar com lotes grandes sem prejudicar o desempenho individual", diz Segantini. A organização dos lotes é rígida. Os animais são agrupados por categoria: novilhas, garrotes, touros e animais de descarte. O manejo, no entanto, é dinâmico. Cada lote pode girar em um ou dois módulos, de acordo com a época do ano e a oferta de forragem.

A transferência de parte dos animais das pastagens perenes para as de ILP é definida pela oferta de forragem, o que torna o manejo bastante dinâmico. "Em anos que chove mais e sobra pasto, coloco uma quantidade maior de bovinos, mas, geralmente, priorizo as categorias mais exigentes, como as precocinhas, algum lote de bezerros desmamados, tourinhos". A entrada e saída dos animais dos piquetes, em ambas as áreas, é determinada pela altura-alvo da forrageira *(veja quadro na página anterior)*. A taxa de lotação nas águas é de 3,5 UA/ha e na seca, de 1,15 UA/ha, média anual de 2,5 UA/ha.

Precocidade no parto e no gancho

JOSÉ MARIA MATOS

Precocinhas são inseminadas pela primeira vez aos 14 meses.

Para encurtar o ciclo produtivo e dar mais liquidez ao negócio, alicerçado na venda de tourinhos e no abate de machos inteiros, além da reposição de matrizes, a TopGen adota um programa de suplementação que se inicia na desmama. Por recomendação do Qualitas, as crias ao pé da vaca não recebem *creep-feeding*. "Com o processo de seleção, melhoramos a habilidade materna das matrizes, por isso não há necessidade de utilizar o *creep*", justifica o veterinário Leonardo Souza, sócio-diretor do Qualitas. Assim que desmamam, a partir de maio, com peso médio de 200 kg aos sete meses, os bezerros são suplementados com sal proteinado na proporção de 0,2% do peso vivo, ou 400 g/dia. De novembro em diante a suplementação, crescente, passa para 1 kg/dia. O plano é "acelerar" o ganho de peso da recria durante a estação das chuvas, aproveitando a oferta maior de forragem. Apesar da estratégia ser a mesma para machos e fêmeas, o objetivo é diferente para cada categoria e está diretamente relacionado à etapa seguinte da criação.

As bezerras, desmamadas a partir de maio, estarão, no final do ano, com idade e peso adequado (em torno de 270 kg) para entrar na estação de monta, que vai de novembro a fevereiro (90 dias). Depois de passarem por indução hormonal, as superprecoces são inseminadas via IATF. O toque é feito 35 dias depois. As vazias são ressincronizadas e, mesmo que não emprenhem, são mantidas, pois a fazenda ainda está recompondo seu plantel. "Este deverá ser o último ano que não as descartaremos", diz Segantini. As novilhas que dão positivo precisam atingir ao menos 400 kg para que possam parir com segurança e tenham condição corporal mínima para reconceber na estação de monta seguinte. Até o ano passado, a fazenda mantinha a suplementação das "precocinhas" até a desmama da primeira cria. Neste ano, por economia, o suplemento será fornecido somente até a parição. "É um teste que faremos para ver os resultados", diz. A suplementação custa R$ 0,80/cab/dia. A taxa de prenhez da categoria é de 60%. Para os machos, a meta é colocar de 150 a 180 kg durante a recria para que estejam prontos para entrar no confinamento na seca seguinte.

Confinamento e sequestro

Última etapa do sistema produtivo, o confinamento começa em junho e vai até novembro. Esses cinco meses, no entanto, não são reservados apenas à terminação, feita em apenas um giro. A estrutura, composta por 18 currais, separados em três módulos (seis piquetes cada), atende também os bezerros, estratégia conhecida como "sequestro". Assim como acontece com a soja, as áreas de pastagem rotacionada e de ILP, esses dois modelos de confinamento se integram ao manejo da fazenda de forma bastante dinâmica. A primeira categoria a ser fechada é a das vacas vazias, que não emprenharam na estação de monta (o toque é feito em abril). No seu encalço vêm os bois, com idade entre 18 e 20 meses, que entram no confinamento pesando 13-14@. No ano passado foram abatidas 350 vacas de descarte e 300 machos que não passaram pelo crivo de

JOSÉ MARIA MATOS

Colheita de sorgo para silagem. Variedade forrageira produz 57 t/ha.

seleção para se tornarem reprodutores. Eles pesaram no gancho 21@, com rendimento de carcaça de 57,5%. Mais de 70% foram classificados como desejáveis no Programa Farol da Qualidade da JBS (machos inteiros, com até 2 dentes e 3-4 mm de gordura). Segantini recebeu de R$ 1 a R$ 2 a mais por arroba. A pequena quantidade de bois abatidos é reflexo da redução de matrizes nos últimos anos. Segantini espera que, em 2020, com o rebanho já estabilizado, possa abater 600 bois por ano.

A dieta do confinamento é constituída por silagem de sorgo, sorgo moído (produzidos na fazenda), farelo de soja e núcleo mineral. Em média, os animais permanecem 60 dias no cocho, mas a estadia pode ser abreviada ou estendida, de acordo com o mercado. "Se o boi gordo estiver em alta e o custo da arroba colocada estiver baixo, posso segurar um pouco mais", afirma o produtor. À medida que os caminhões conduzem os bois a caminho do frigorífico, os currais vão sendo liberados para machos e fêmeas recém-desmamados. A estratégia começou a ser utilizada na fazenda em 2014, por sugestão da empresa que presta assistência na área de nutrição. Na época, a fazenda colocava a desmama durante a seca na pastagem de milheto, semeado nas áreas de ILP. Como a forrageira definhava em poucos meses, o ganho de peso conquistado se perdia. "Tinha a sensação de nadar e morrer na praia".

A despeito de aprovar a medida, foi somente um ano depois, em 2015, que Segantini sentiu na pele a importância do "sequestro" para seu sistema de produção. Naquele ano choveu pouco, apenas 800 mm (a média na região é de 1.300 mm) e de forma concentrada. As sementes de mombaça lançadas sobre a soja não germinaram. O sorgo produziu pouca massa para ser ensilada. "Quando chegou abril, pensei: o que vou fazer com esse gado na seca?" A saída foi arrendar outra propriedade e levar os animais. "Tirei toda a desmama da fazenda", relembra. Para agravar a situação, o produtor havia comprado 400 novilhas, que seguiram pelo mesmo caminho. "Só deixei as vacas para parir na fazenda". Em outubro, no auge da seca, o pior aconteceu. O pasto arrendado pegou fogo. "Tive de vender todos os machos de recria. Foi um desastre". Olhando pelo retrovisor, o ano "para se esquecer", nas palavras do produtor, se tornaria outro marco de mudança na propriedade. "Percebi que tinha um negócio vulnerável, que não estava nas minhas mãos. Decidi que precisava ter um estoque mínimo de silagem na fazenda para não passar pelo mesmo apuro de novo".

Sorgo veio para ficar

Foi assim que a silagem de sorgo entrou de vez na rotina da fazenda. São cultivados 350 ha de sorgo grão, na safrinha após a soja, com aproveitamento da palhada para pastejo após a colheita. "Normalmente, coloco vacas paridas nessas áreas", explica Segantini. A TopGen também cultiva 150 ha de sorgo forrageiro, base da dieta do confinamento e do sequestro. Essa planta chama a atenção pelo porte e produtividade. No ano passado, o sorgo Santa Elisa, também conhecido como V-38 ou sorgo IAC (Instituto Agronômico de Campinas), produziu 57 t/ha, quase o dobro do que a antiga variedade que a fazenda costumava plantar, a um custo de R$ 50/t.

Neste ano, a intenção do produtor é fechar toda a desmama no confinamento. Além de aliviar a taxa de lotação durante a seca, a dieta com silagem de sorgo e proteinado permite que os bezerros ganhem peso durante a seca (500 g/dia), a um custo de R$ 22,50/cab/mês, (consumo médio de 15 kg/dia). Se ao invés de levar os bezerros ao cocho, o produtor optasse pelo aluguel de pasto, desembolsaria praticamente o mesmo valor por mês, com a diferença de que os bezerros, mesmo com proteinado, "malemá" ganhariam mais de 200 g/dia durante a seca. Para Segantini, há outras desvatagens. "Teria de pagar frete, deslocar mão de obra, trator, levar cocho para proteinado. As fontes de água normalmente não têm qualidade, sem contar o risco de roubo, que sempre acontece quando se arrenda um pasto", diz.

O sequestro ainda ajuda Segantini a puxar a estação de monta para mais cedo. "Os bezerros têm de nascer entre agosto e novembro, no máximo", diz. Os números comprovam que o "bezerro do cedo" sai na frente em termos de ganho de peso. Na safra passada, os animais nascidos em agosto de 2017 desmamaram em maio deste ano com 258 kg, em média, e os do mês de novembro com 240 kg, enquanto aqueles que nasceram em dezembro pesaram 193,5 kg. "Toda tecnologia que eu introduzo na fazenda tem por objetivo melhorar a rentabilidade da fazenda, que tem de funcionar como uma empresa. A pecuária tem de dar dinheiro", finaliza o produtor. ■